



Barbara Vieira de Souza

A qualidade na interpretação simultânea

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Letras. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Orientadora: Profa. Branca Vianna
Departamento de Letras – PUC-Rio**

**Rio de Janeiro
Junho de 2014**

Agradecimentos

Ao meu pai, Celso Marcos, pelo permanente incentivo e apoio.

À professora Branca Vianna, pela atenção e valiosa orientação.

Aos professores do curso de Intérpretes de Conferência da PUC-Rio, pelos ensinamentos.

Resumo

Este trabalho discorre sobre a qualidade na interpretação simultânea (IS) e vários aspectos que podem influenciá-la. O objetivo desta monografia é analisar os critérios de qualidade e avaliação da IS, bem como explorar alguns erros, omissões e adições que levam à perda de qualidade e fornecer estratégias para sua melhoria. A introdução contextualiza o conceito de qualidade no âmbito acadêmico e inclui uma justificativa para a escolha do tema. O desenvolvimento da monografia inicia-se com uma análise de conceitos e critérios disponíveis na literatura sobre avaliação de qualidade na interpretação simultânea baseada em pesquisas selecionadas. O Modelo de Esforços de Daniel Gile, assim como possíveis erros, omissões e adições, são destacados. Igualmente, são apresentados elementos que podem afetar o intérprete antes e durante a IS, prejudicando a qualidade do trabalho. O orador, o assunto da conferência, problemas técnicos e acústicos, a cabine e o colega de cabine são alguns deles. A conclusão revela estratégias que podem contribuir para o aumento da qualidade durante a IS, como aprimoramento do conhecimento geral, manutenção das línguas de trabalho, preparação prévia ao evento, cuidados com a voz e concentração. O objetivo do presente trabalho é discutir a complexidade do conceito de qualidade dentro do campo da interpretação, a fim de contribuir para um melhor conhecimento e desempenho por parte do intérprete durante o processo de IS.

Palavras-chave:

Interpretação Simultânea, qualidade, critérios, erros.

Abstract

This paper discusses quality in simultaneous interpretation (SI) and various aspects that may influence it. The goal of this paper is to consider quality criteria and assessment in SI, as well as to analyze some common errors, omissions, and additions that lead to a decrease in quality, and to provide strategies for quality enhancement. This is accomplished through theoretical research on literature review in the field of interpreting studies. The introduction briefly contextualizes quality in the academic field and includes a justification for choosing this theme. The development of this paper begins with an analysis of quality concepts and criteria available in the literature on quality assessment in simultaneous interpretation based on specific research on quality. Daniel Gile's Effort Model of interpreting, as well as errors, omissions, and additions are highlighted. In addition, elements that affect the interpreter before and during SI, contributing to decreased quality, are analyzed. They include speaker, conference subject matter, technical and acoustic problems, and booth mate. The conclusion presents strategies that may contribute to increased quality during SI, such as improvements in general knowledge, language maintenance, preparation, voice, and concentration. The goal of this paper is to discuss the intricacies related to quality in the interpreting field in order to contribute to improved awareness and performance in SI.

Keywords:

Simultaneous interpretation, quality, criteria, errors.

Sumário

Introdução	6
1. Desenvolvimento teórico	8
1.1. Conceito e critérios de qualidade na IS	8
1.2. Pesquisas de avaliação de qualidade da IS	10
2. Modelo de Esforços	20
3. Erros	22
4. Fatores que afetam o intérprete antes da IS e durante a IS	25
4.1. Cabine	25
4.2. Colega de cabine	26
4.3. Automonitoramento	26
4.4. Equipamento de som	27
4.5. Orador	28
4.6. Décalage	31
4.7. Estresse	32
5. Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37

Introdução

A interpretação de conferência consiste em facilitar a comunicação oral, de forma simultânea ou consecutiva, entre usuários de línguas diferentes. O intérprete converte uma ideia proferida na língua de origem para transmiti-la na língua-alvo

Na interpretação simultânea, doravante designada pela sigla IS, a comunicação acontece em tempo real. O intérprete traduz uma mensagem simultaneamente a partir de uma cabine isolada acusticamente, e sua voz é transmitida até os ouvintes através de fones de ouvido. Na ausência de cabines, o intérprete vale-se de equipamento portátil ou, se for caso de interpretação em reuniões do tipo *one on one* ou de pequeno público, o intérprete coloca-se ao lado do ouvinte ou no centro daquele público reduzido e faz a interpretação sussurrada.

A interpretação consecutiva, como seu próprio nome sugere, caracteriza-se pela segmentação do discurso em segundos ou minutos para que, em seguida, seja traduzido. Enquanto o orador fala, o intérprete faz anotações e, após determinado intervalo de tempo, faz a tradução. Os diferentes modos possuem especificações e vantagens que os fazem mais indicados para esta ou aquela circunstância.

A função do intérprete é transmitir o conteúdo da mensagem direcionada aos ouvintes. A essência de sua função facilitadora encontra-se na qualidade da comunicação.

No papel de representante do orador, o intérprete deve constantemente buscar a construção ideal e neutra na transmissão da mensagem. É necessário que ele coloque de lado todo e qualquer conceito pessoal, seja moral, político, religioso, etc., para que a interpretação seja fiel, tanto à mensagem original, quanto ao cliente e aos ouvintes. A fidelidade às ideias, e não propriamente às palavras originais do orador, é uma questão relevante à qualidade na interpretação. As mais importantes associações do ramo de interpretação, como a AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência) e a APIC (Associação Profissional de Intérpretes de Conferência), prezam pelo conceito de qualidade.

No decorrer do Curso de Formação de Intérpretes da PUC-Rio, assumi como meta pessoal, assim como meus colegas, o objetivo de interpretar com qualidade. Mas o que constitui essa qualidade? Quais fatores influenciam de maneira positiva

ou negativa essa qualidade e como lidar com eles? Quais são algumas das falhas comuns que podem ou não ser controladas pelo intérprete e que prejudicam a comunicação?

Essas são questões que esta monografia pretende abordar através de uma revisão da literatura sobre qualidade na interpretação simultânea. O trabalho está estruturado em partes. Primeiro, uma breve descrição do processo de interpretação simultânea e os critérios de qualidade com uma análise do que os teóricos da área de tradução e interpretação têm a dizer sobre qualidade da IS. Em seguida é feita uma exposição do Modelo de Esforços de Daniel Gile. Dispõe-se, igualmente, a analisar alguns dos fatores que influenciam a qualidade e seus possíveis impactos. Há uma breve descrição de alguns tipos de erros comuns na IS e como estes estão relacionados ao conceito de fidelidade. Este estudo pode ser útil para que alunos de interpretação percebam com mais clareza os inúmeros fatores que podem influenciar a qualidade da IS, assim como a relação que existe entre esses fatores e possíveis “falhas” na IS.

1. Desenvolvimento Teórico

1.1 Conceito e critérios de qualidade na IS

O conceito de qualidade na IS é complexo e recorrente na literatura sobre interpretação e não há, no âmbito acadêmico, uma definição única e inequívoca para descrevê-lo. “A qualidade é um conceito esquivo, se é que já houve um.” (SHLESINGER, 1997, p. 123)¹ ². A interpretação de conferência envolve um serviço tangível, uma habilidade ou capacidade, mas a definição da qualidade na interpretação é muito mais evasiva. A qualidade em si é um grau de excelência, uma medida relativa, o que é percebido por cada indivíduo de maneira única. A difícil definição desse conceito, sobre o qual ainda não há consenso entre os especialistas, pode ser consequência da natureza transitória da IS, que caracteriza-se por seu imediatismo. Mensagens proferidas na língua-fonte são essencialmente efêmeras, exigindo processamento imediato e produção na língua-alvo. Após uma conferência ou reunião, na maioria das vezes, não há registro do trabalho dos intérpretes, exceto as impressões que os participantes da conferência possam ter depois de ouvir a interpretação. “A interpretação é um tanto evanescente, desaparece assim que é realizada. O que resta são as impressões do público.” (RICCARDI, 2002, p.116)³. Isso dificulta tanto a garantia de qualidade como sua avaliação. O intérprete raramente tem acesso ao texto original após a interpretação, o que viabilizaria uma análise de seu desempenho.

Esta é uma das razões pelas quais surgem questões ao se falar de avaliação de qualidade. Há outras, no entanto: qualidade pela ótica de quem? Quais os critérios de qualidade usados na avaliação? “O problema é que a qualidade é a soma de vários aspectos heterogêneos, alguns dos quais envolvem sujeitos diferentes – intérpretes, clientes, usuários, oradores – cada um com uma visão e percepção

¹ Esta e todas as demais traduções de obras em língua estrangeira são da autora deste trabalho.

² Quality is an elusive concept, if there ever was one.

³ Interpreting is something evanescent, which vanishes as soon as it is performed. What remains are the impressions received by the audience.

diferente de qualidade.” (GARZONE 2002, P.107)⁴. A opinião sobre o que constitui uma IS ideal pode divergir de acordo com o ator envolvido no processo de avaliação, assim como as características específicas desse ator podem contribuir para o resultado da avaliação. Existem diferenças significativas entre avaliações feitas por intérpretes profissionais, alunos de cursos de interpretação, ouvintes numa conferência, ou o próprio cliente (a empresa que contrata os serviços de interpretação simultânea).

Estudos direcionadas à avaliação de qualidade na IS indicam que a percepção de qualidade na interpretação varia de acordo com fatores pessoais do avaliador. A nacionalidade do avaliador, assim como o fato dele ser intérprete profissional ou aluno de interpretação, possivelmente afeta sua opinião. Opiniões também podem divergir entre membros de um mesmo grupo de avaliadores. De acordo com Gile, (1991) o ouvinte não se interessa igualmente por toda a informação veiculada pelo intérprete e presta atenção apenas parcial à informação. A individualidade do avaliador apresenta um desafio ao pesquisador, já que sua opinião é formulada não apenas a partir do que ele vê e ouve, mas reflete, também, traços e características pessoais. Por exemplo, se o avaliador julga o assunto interessante ou não, se possui ideias preconcebidas sobre ele, tudo isso se refletirá no seu conceito de qualidade ao avaliar uma IS.

A variedade de fatores que afeta a percepção de qualidade contribui para torná-la altamente subjetiva. As opiniões individuais e até de certos grupos avaliadores são tão variadas quanto os critérios de avaliação usados por pesquisadores. Há características consideradas importantes por influenciarem a qualidade na IS e que são recorrentes em vários estudos, como *uso correto de terminologia, uso correto da língua, precisão e fidelidade*. Outros critérios de igual influência, porém menos citados, incluem fatores psicológicos e ambientais, como *estresse e acústica*. Alguns acadêmicos, porém não todos, fazem uma distinção entre fatores linguísticos e extralinguísticos capazes de influir na qualidade da IS.

⁴ The basic problem is that quality is the sum of several different, heterogeneous aspects, some of which involve different subjects – interpreters, clients, users, speakers – each with a different view and perception of quality.

1.2 Pesquisas de avaliação de qualidade da IS

Pesquisas sobre as expectativas e preferências da plateia, com foco em definição e avaliação de qualidade, são de importância crucial para uma profissão cuja preocupação consiste em estabelecer comunicação entre partes pertencentes a distintas realidades linguísticas e culturais. A meta da seguinte breve relação de estudos sobre qualidade na interpretação simultânea é familiarizar o aluno de interpretação e interessados no tema com o trabalho de alguns acadêmicos que contribuíram de maneira positiva na busca pela definição intangível de qualidade na área.

Hildegund Bühler

No intuito de estabelecer critérios de qualidade para interpretação e intérpretes, Hildegund Bühler (1985) liderou uma pesquisa com 47 intérpretes membros da AIIC na década de 80 (PÖCHHACKER 2004). Ela definiu 16 critérios a serem classificados de acordo com a seguinte escala de quatro níveis: muito importante, importante, menos importante e irrelevante. Os critérios linguísticos (semânticos) e extralinguísticos (pragmáticos) escolhidos foram: *sotaque nativo, voz agradável, fluência, coesão lógica do discurso, coerência com o original, interpretação completa, uso correto da gramática, uso correto da terminologia, uso de estilo adequado, preparação total dos documentos, resistência, porte, aparência agradável, confiabilidade, capacidade de trabalho em grupo e retorno positivo dos ouvintes.*

Os critérios *coesão lógica do discurso* e *coerência com o original* foram julgados muito importantes por mais de 93% dos intérpretes, o que aponta para uma maior valorização do conteúdo do discurso em comparação com a forma.

O resultado desse estudo revelou que a maioria dos critérios foi considerada importante ou muito importante, indicando uma dificuldade em atribuir uma ordem de relevância aos critérios investigados. Bühler sugeriu que a expectativa de intérpretes de conferência em relação à qualidade correspondia ao que os ouvintes esperavam de uma interpretação. Pela ótica do ouvinte, a pesquisadora sugere que a maioria dos critérios pode ser avaliada diretamente pelo cliente, enquanto outros

são percebidos de maneira indireta. De acordo com Bühler, a avaliação da interpretação depende de sua comparação com o original; como os ouvintes normalmente desconhecem o discurso-fonte, seu julgamento tende a ancorar-se em critérios superficiais.

Embora sua metodologia tenha sido criticada, a pesquisa de Bühler se tornou referência nos trabalhos sobre avaliação de qualidade na IS e os seus critérios foram amplamente usados por outros pesquisadores.

Ingrid Kurz

Estimulada pela pesquisa de Bühler, Ingrid Kurz (2001) conduziu subsequente pesquisa empírica sobre avaliação de qualidade com foco na interação entre intérprete e consumidor (ouvinte). Seu objetivo era testar a hipótese de Bühler segundo a qual os critérios de qualidade de intérpretes também estão relacionados às expectativas dos ouvintes. Os primeiros oito critérios (*sotaque nativo, voz agradável, fluência, coesão lógica do discurso, coerência com o original, interpretação completa, uso correto da gramática, uso correto da terminologia*) foram usados para comparar a reação de um grupo de ouvintes numa conferência médica com os resultados da pesquisa de Bühler feita com intérpretes profissionais da AIIC (KURZ, 1988).

Um questionário bilíngue (inglês/alemão) foi entregue aos 47 ouvintes não-intérpretes para que estes classificassem os critérios de qualidade de acordo com quatro níveis de importância. Houve discrepância entre os critérios considerados importantes entre os ouvintes e os intérpretes da pesquisa de Bühler. Os intérpretes-ouvintes da pesquisa de Bühler atribuíram pontuação inferior aos aspectos relacionados ao *delivery* - termo muito usado na área de IS que envolve aspectos relacionados à forma da mensagem. Um discurso com bom *delivery* precisa ser bem estruturado, sem vícios de linguagem e hesitações. Critérios como *sotaque nativo, voz agradável* e *uso correto da gramática*, considerados muito importantes por membros da profissão, foram classificados como menos importantes pelos ouvintes de Kurz. Os resultados da pesquisa de Kurz foram semelhantes ao de Bühler no que diz respeito aos critérios de *sentido, coesão lógica e terminologia correta* (PÖCHHACKER, 2004).

A fim de testar a hipótese de que diferentes grupos possuem expectativas diferentes, Kurz conduziu pesquisa comparativa ao distribuir o mesmo questionário usado previamente numa conferência internacional e numa reunião do Conselho Europeu. Os resultados foram comparados com as conclusões obtidas na conferência médica. Embora todos os grupos tenham atribuído igual importância aos critérios *sentido, coesão lógica e terminologia correta*, houve divergência quanto à importância dos critérios *gramática, voz agradável e sotaque nativo*. Os intérpretes-ouvintes da pesquisa de Bühler demonstraram maior exigência em relação à qualidade.

Kurz concluiu que diferentes grupos têm necessidades e expectativas distintas e, portanto atribuem diferentes níveis de importância aos mesmos critérios de qualidade. Ela destaca o ouvinte como elemento essencial no processo de comunicação da IS, porém questiona se ele pode ser considerado um juiz fiel, já que lhe falta uma ferramenta-chave para avaliar a qualidade: a compreensão da mensagem-fonte.

Os resultados de suas pesquisas confirmam a validade das teorias que veem a interpretação como um processo de comunicação intercultural e enfatizam a importância do contexto em que se dá a comunicação. (REISS; VERMEER, 1984 *apud* KURZ, 2001, p. 398)⁵.

Daniel Gile

Na década de 90, Daniel Gile também realizou pesquisa empírica com foco no ouvinte. Ao conduzir um estudo de caso durante uma conferência médica sobre oftalmologia genética, ele analisou a reação dos ouvintes à IS ao invés de tentar determinar suas expectativas. Um questionário com perguntas sobre qualidade geral, qualidade linguística do resultado, uso da terminologia, fidelidade, qualidade da voz, ritmo e entonação, foi distribuído aos ouvintes (18 franceses e 5 americanos) para que estes julgassem sua importância.

Os resultados foram bastante homogêneos, mas variaram de acordo com a nacionalidade dos participantes. Os ouvintes americanos deram classificação máxima em todos os critérios, enquanto os franceses deram classificação um pouco

⁵ The findings confirm the validity of the theories that view translation and interpretation as an intercultural communication process and emphasize the importance of situationality and communicative context.

abaixo. O *delivery* foi considerado inferior a outros componentes de qualidade, mas essa avaliação não interferiu na avaliação de qualidade geral.

Gile propôs duas hipóteses para explicar os resultados. Ou os ouvintes americanos eram menos críticos que os franceses, ou os ouvintes americanos foram menos críticos naquela situação específica, já que se encontravam num país estrangeiro onde não falavam a língua e por isso demonstraram mais tolerância com relação aos intérpretes de quem dependiam. O critério *qualidade da voz* foi considerado menos importante do que no estudo de Bühler, recebendo a menor classificação de todas. Gile concluiu que, “É possível formular a hipótese segundo a qual os cientistas (e técnicos) seriam menos sensíveis à qualidade da voz, do ritmo e da entonação da interpretação do que outros tipos de público para quem ela tem, talvez, uma grande importância.” (GILE *apud* KURZ, 2001, P. 399)⁶.

Andrzej Kopczynski

Em 1994 Kopczynski contribuiu com a pesquisa sobre qualidade na IS, ao analisar ouvintes poloneses com o intuito de determinar suas atitudes e expectativas. O grupo era formado por 20 especialistas da área de humanas, 23 especialistas da área de tecnologia científica e 14 diplomatas. Foi pedido a todos que respondessem às mesmas perguntas sobre qualidade da IS e foi feita uma distinção entre oradores e ouvintes, levando em consideração os aspectos comunicativos de cada um.

A primeira parte do questionário estava relacionada à função da IS. Os participantes avaliaram oito critérios de qualidade: *conteúdo geral*, *conteúdo detalhado*, *precisão terminológica*, *estilo*, *gramática*, *fluência*, *dicção* e *qualidade da voz*. A segunda parte consistia na análise de fatores perturbativos como *falha técnica*, *erro gramatical*, *erros de estilo*, *frases incompletas*, *falta de fluência*, *dicção ruim*, *entonação monótona*, *ritmo monótono*, *aceleração* e *desaceleração*, *conteúdo excessivamente resumido* e *conteúdo excessivamente detalhado*. Na terceira parte, os participantes responderam a seis perguntas para determinar se

⁶ Il est possible de formuler l'hypothèse selon laquelle les scientifiques (et techniciens) seraient moins sensibles à la qualité de la voix, du rythme et de l'intonation de l'interprétation que d'autres publics, pour qui elle a peut-être une plus grande importance.

preferiam o intérprete no papel “fantasma” ou como alguém que “interfere”, com omissões, resumo e alterações ao discurso original.

Kopczynski obteve resultados semelhantes entre os grupos. Todos os participantes atribuíram mais importância ao conteúdo do que à forma e indicaram *conteúdo detalhado* e *precisão terminológica* como prioridades. Os oradores julgaram *fluência* como o fator mais importante enquanto ouvintes determinaram *estilo* e *fluência* em primeiro lugar na classificação. Ambos consideraram *erro de terminologia* como o fator mais irritante. Os oradores mostraram maior preocupação com a interpretação precisa de seus discursos, enquanto os ouvintes apontaram *frases inacabadas* e *gramática* como aspectos importantes. Todos indicaram preferência pelo intérprete “fantasma”, com interferência limitada (KOPCZYNSKI, 1994).

Peter Moser

A primeira pesquisa internacional de avaliação de qualidade patrocinada pela AIIC ocorreu em 1995 e foi conduzida por Peter Moser (PÖCHHACKER, 2004). O estudo teve como objetivo investigar a hipótese segundo a qual diferentes grupos teriam expectativas distintas em relação à IS. As seguintes questões foram levantadas: o que constitui uma boa interpretação do ponto de vista do usuário? Como os usuários classificam a importância de diversos critérios de qualidade na IS? A expectativa dos ouvintes varia consideravelmente de acordo com diferentes tipos de conferência ou será que eles possuem um conjunto básico de expectativas que independe do tipo de evento? Noventa e quatro intérpretes da AIIC realizaram 201 entrevistas com base em um questionário padrão em oitenta e quatro eventos distribuídos por todo o mundo.

A expectativa que surgiu com mais frequência foi fidelidade ao original, seguida por conteúdo, sincronia retórica e qualidade da voz. Critérios como *terminologia precisa* e *expressões claras* foram mencionados, porém as expectativas variaram bastante de acordo com o tipo de conferência (grande ou pequena, geral ou técnica) (PÖCHHACKER, 2004). A pesquisa também analisou fatores que causam irritação no ouvinte, como pausas longas e grande distância do discurso original. Os participantes atribuíram maior importância à fidelidade do

discurso do que à reprodução literal, indicando resultados semelhantes a outras pesquisas citadas onde o conteúdo é mais valorizado do que a forma.

Anna-Riitta Vuorikoski

Em 1993, Vuorikoski realizou uma pesquisa para avaliar a reação de ouvintes em cinco conferências que contavam com IS em inglês e finlandês. Os 173 participantes receberam um questionário e após cada evento também foram entrevistados por telefone. A qualidade da IS deveria ser por eles classificada de acordo com os seguintes critérios: informação, coerência, fluência, precisão, terminologia correta e ritmo agradável.

Por meio das respostas, a pesquisadora chegou à conclusão de que não se pode presumir que plateias individuais sejam homogêneas e que as necessidades e expectativas individuais não variem consideravelmente e não dependam do tipo de evento ou do grupo de ouvintes. Críticas à IS foram, frequentemente, relacionadas ao aspecto comunicativo do discurso-fonte e fugiam do controle do intérprete. Os resultados finais de Vuorikoski indicaram a necessidade de cooperação entre todas as partes (intérpretes, oradores, organizadores, usuários) para que uma comunicação qualitativamente satisfatória se tornasse realidade.

Ángela Collados Aís

Em 1998, a pesquisadora conduziu estudo comparativo controlado em laboratório, a fim de contrastar a avaliação de interpretações com entonação monótona com interpretações de entonação melódica. Em alguns casos havia coerência de sentido, enquanto em outros, inconsistências intencionais foram introduzidas (KURZ 2001). As interpretações com *delivery* melódico, embora contivessem erro, foram geralmente julgadas superiores às interpretações com *delivery* monótono, porém coerentes.

Nos anos 2000, Collados Aís aprofundou seu estudo junto a uma equipe de pesquisadores da universidade de Granada. Discursos interpretados foram alterados para que fossem ouvidos de maneiras diferentes. O mesmo discurso foi apresentado com entonação monótona ou boa entonação, com ou sem sotaque nativo, proferido com rapidez ou lentidão. Foi pedido aos diferentes grupos de usuários que

classificassem, em ordem de relevância, onze critérios de qualidade baseados nos critérios de Bühler, e depois avaliassem os discursos alterados (TISELIUS, 2012).

Os resultados indicam que o discurso com sotaque nativo foi considerado de maior qualidade (com uso adequado da terminologia, gramática e entonação) em comparação com o discurso sem sotaque nativo. Os 197 avaliadores eram membros da equipe docente de Direito em quatro universidades espanholas. Uma das conclusões da pesquisa indica que padrões ligados à forma são, na verdade, bem mais importantes do que os ouvintes revelam. Esse fato pode estar ligado ao ponto de vista de alguns pesquisadores que citam os ouvintes como incapazes de detectarem erros na transmissão da informação. Em pesquisas onde há análise de erros, fatores como falta de acesso ao discurso-fonte e uso de omissões deliberadas impossibilitam o ouvinte/avaliador de avaliar o erro corretamente. Nessas circunstâncias o conteúdo do discurso-alvo é o critério mais importante.

Delia Chiaro e Giuseppe Nocella

Em 2004, Chiaro e Nocella conduziram pesquisa empírica sobre avaliação de qualidade pela ótica do intérprete. O grande diferencial desse trabalho foi seu alcance, em razão do uso da internet como meio de comunicação. O questionário foi enviado por e-mail a mais de mil intérpretes ligados a associações profissionais. Aproximadamente 200 e-mails voltaram para o remetente devido a algum erro no sistema de entrega, porém 169 pessoas haviam enviado as respostas em duas semanas. A taxa usual de resposta a questionários (10-15%) em pesquisas dobrou, o que indica a eficácia do método eletrônico.

Os pesquisadores pediram aos intérpretes que classificassem nove dos dezesseis critérios de Bühler, do mais importante ao menos importante. Os resultados foram baseados no ponto de vista de 286 intérpretes qualificados e experientes em cinco continentes. Os resultados obtidos realçaram fatores que foram classificados, por ordem de importância, em três grupos: o primeiro grupo, composto pelos fatores *coerência com o original*, *frases completas* e *coesão lógica*, foi considerado o mais relevante. *Fluência do delivery*, *terminologia correta* e *uso correto da gramática* formaram o segundo grupo de fatores mais importantes. *Estilo apropriado*, *voz agradável* e *sotaque nativo* foram considerados menos importantes. Todos os três fatores julgados mais importantes pelos intérpretes são

relacionados ao conteúdo e lógica do discurso. A classificação dos fatores *terminologia correta* e *gramática* como menos importantes foi justificada pelos pesquisadores como sinal da possível tolerância dos usuários de IS no que diz respeito à precisão terminológica (CHIARO; NOCELLA, 2004). Os fatores extralinguísticos classificados como mais importantes foram *concentração* e *preparação*. Os outros fatores foram julgados como tendo importância semelhante entre si e seguem os dois primeiros na seguinte ordem: *capacidade de trabalho em grupo*, *resistência*, *bem estar físico*, *habilidade mnemônica*, *conhecimento enciclopédico* e *ausência de stress*. O fator *concentração* foi considerado essencial e aquele em torno do qual os outros fatores giram.

Em contraposição à hipótese de Bühler, Chiaro e Nocella concluíram que os intérpretes não atribuem nível semelhante de importância a todos os critérios e possuem preferências que direcionam suas escolhas e afetam a qualidade de sua interpretação.

Cornelia Zwischenberger/Franz Pöchhacker

Em 2008, o Centro de Pesquisas de Tradução da Universidade de Vienna realizou um trabalho coordenado por Cornelia Zwischenberger e Franz Pöchhacker sobre qualidade e o papel do intérprete no processo comunicativo do ponto de vista do profissional. O questionário foi distribuído por intermédio do LimeSurvey, uma ferramenta de pesquisa na internet. A primeira parte da pesquisa anônima solicitava informação demográfica dos intérpretes, como idade, gênero, experiência profissional e combinação linguística. A segunda parte pedia que os intérpretes julgassem a importância de onze critérios de qualidade e indicassem se a importância desses onze critérios variava de acordo com o tipo de evento. O grupo de intérpretes teve que dar nota a uma gravação de IS de seis minutos. As notas variavam de um, muito ruim, a seis, muito bom. Duas gravações foram disponibilizadas e os intérpretes foram divididos em dois grupos. Numa das gravações, a entonação era monótona e na outra mais vivaz.

Ao avaliar os critérios, a maioria dos intérpretes atribuiu classificação mais alta à *coerência de sentido com o original*, como na pesquisa de Bühler. Porém, alguns intérpretes disseram que não se sentiam responsáveis pela coerência de sentido de suas interpretações, alegando que a coesão lógica só consta como critério

quando existe alguma lógica no discurso original. A *sincronia* foi apontada como importante pelos intérpretes apenas em alguns tipos de discurso: quando há uma piada ou apresentação de dados numéricos, por exemplo.

O resultado da análise dos 704 intérpretes indicou pouca diferença (0,16) entre as notas da gravação monótona e vivaz, porém é significativa em termos estatísticos e indica que o critério de entonação tem um impacto considerável na qualidade geral de interpretação. Também foi pedido aos intérpretes que avaliassem o trecho de uma gravação de IS de um minuto feita por outro intérprete profissional. Dos 567 intérpretes, alguns se recusaram a dar nota à IS, alegando ser injusto avaliar o trabalho de um colega sem ter acesso ao original e sem conhecer as condições de trabalho e outros fatores externos, como qualidade do som, que pudessem vir a comprometer o desempenho da interpretação.

A terceira parte da pesquisa foi dedicada à percepção dos intérpretes em relação ao seu papel como profissional. A maioria dos participantes usou termos como *facilitador*, *comunicador* e *mediador* para descrever o papel do intérprete. Os resultados da pesquisa indicaram a relevância de critérios de qualidade relacionados ao conteúdo da mensagem, como *coerência com o original* e *coesão lógica*. Critérios ligados ao *delivery*, exceto *fluência*, foram considerados menos importantes em comparação com os resultados da pesquisa de Bühler.

Os dados apontam que o grau de importância atribuído a vários critérios de qualidade varia de acordo com o evento. O tipo de evento, o grau de formalidade, o tamanho e até mesmo o assunto da conferência são fatores relevantes. A *entonação* foi considerada critério significativo para a qualidade da interpretação, embora não tenha sido classificada como muito importante pela maioria dos intérpretes.

Os resultados da pesquisa também revelaram que o conceito de qualidade do intérprete ao analisar uma gravação está diretamente relacionado a fatores como idade, gênero e experiência profissional. As mulheres apreciaram a entonação vivaz mais que os homens, assim como foram menos críticas que eles. Os intérpretes mais jovens e menos experientes mostraram menor sensibilidade à entonação. Uma conclusão importante foi que a visão do intérprete sobre o seu papel na

comunicação determina sua opinião sobre o que constitui qualidade na IS (PÖCHHACKER; ZWISCHENBERGER, 2010).

Essas pesquisas levantaram questões essenciais sobre os critérios de qualidade e as condições de trabalho do intérprete, assim como a capacidade do ouvinte de avaliar a qualidade do discurso. A maioria dos pesquisadores chegou à conclusão que qualidade possui significado diferente dependendo do público.

A pesquisa pioneira de Bühler indicou que qualidade ideal pode ser definida em situações específicas. Ingrid Kurz concluiu que o conteúdo é mais importante que aspectos ligados à forma e enfatizou a relevância do contexto da interpretação. Daniel Gile obteve resultados semelhantes. Vuorikoski concluiu que coerência com o original é o fator essencial para uma IS de qualidade e apresentou a noção de que o trabalho do intérprete pode ser influenciado por fatores externos que fogem ao seu controle. De maneira semelhante, Kopczynski definiu qualidade em função da situação e contexto. A pesquisa de Peter Moser revelou que os critérios ligados ao conteúdo são mais importantes do que aqueles ligados ao *delivery*. Pöchhacker enfatiza a relevância da interação comunicativa com precisão e coerência em comparação com o discurso-fonte. Muitas vezes o intérprete precisa fazer escolhas objetivas. Ser fiel ao original ou facilitar a compreensão para o ouvinte? Usar a língua de maneira correta ou ser preciso? Favorecer um estilo elegante ou transmitir a mensagem na sua totalidade? (KALINA, 2005). Além do processo reflexivo e esforço cognitivo, inerentes à IS, a atividade é vista pela maioria dos intérpretes como essencialmente difícil.

2. Modelo de Esforços

Segundo Gile (2009), até mesmo os intérpretes mais experientes veem a interpretação simultânea como atividade que exige esforços significativos e, apesar de se esforçarem ao máximo, a maioria dos profissionais não alcança sempre o objetivo de produzir um discurso-alvo de boa qualidade, que inclua toda a informação do discurso-fonte.

A interpretação é um processo reflexivo e de tomadas de decisão que envolve um esforço cognitivo contínuo. O Modelo de Esforços proposto por Gile na década de oitenta analisa o conjunto de múltiplas operações cognitivas da interpretação simultânea. Compreende três esforços assim denominados: L- *esforço de audição e análise*, P- *esforço de produção*, M- *esforço da memória de curto prazo*. O intérprete deve compreender o discurso na língua-fonte, elaborar o discurso na língua-alvo e armazenar em sua memória de curto prazo o que foi dito anteriormente. A articulação desses esforços por meio de um *esforço de coordenação* é imprescindível, não se devendo concentrar em um ou mais esforços em detrimento de outros. O autor estabelece que cada evento de interpretação requer uma *Capacidade Total de Processamento*, ao passo que os intérpretes apresentam uma *Capacidade Disponível de Processamento*. A atuação do intérprete pode revelar falhas quando a *Capacidade Total de Processamento* vai além da *Capacidade Disponível de Processamento*, ou quando a última não é suficiente para suprir a demanda de um ou mais esforços. Segundo Gile, sua teoria teve origem em duas ideias:

-A interpretação requer uma espécie de “energia” mental cuja reserva disponível é limitada.

- A interpretação consome, praticamente, toda essa energia mental e algumas vezes a demanda vai além da reserva disponível; nesse caso, o desempenho do intérprete se deteriora. (GILE, 2009, p. 159)⁷.

O autor aborda o conceito de atenção, relacionando-o às operações mentais automáticas e às não-automáticas. A capacidade de processamento envolvida nas operações automáticas é mais rápida e requer menos atenção do que a capacidade

⁷ Interpreting requires some sort of ‘mental energy’ that is only available in limited supply. Interpreting takes up almost all of this mental energy, and sometimes requires more than is available, at which times performance deteriorates.

envolvida nas operações não-automáticas, categoria na qual a interpretação se encontra. Para um bom desempenho durante a atividade interpretativa, os esforços exigidos devem estar aquém da capacidade total de processamento disponível para os mesmos. Porém, como os intérpretes trabalham sob pressão, próximos ao nível de saturação e sobrecarga de sua atividade cognitiva (*Tightrope Hypothesis*, ou Hipótese da Corda-bamba), Gile considera que até mesmo um pequeno aumento na exigência de atenção pode resultar em perda de qualidade na interpretação e, por sua vez, em erros e omissões (GILE, 2009). Por outro lado, segmentos de baixa densidade no discurso, como pausas, podem diminuir a pressão cognitiva. O autor formulou a ideia de gatilhos de problema (*problem triggers*), que dizem respeito a segmentos de fala específicos, a tarefas que requerem elevados níveis de atenção ou segmentos de fala com baixa redundância, como nomes próprios, enumerações, números, expressões idiomáticas e siglas. Nesses casos, o mais breve lapso de atenção pode levar à perda de informação (GILE 2009). Essa perda pode ocasionar desvios do discurso-fonte que caracterizam erros, como omissões, explicitações, substituições e literalidade, entre outros.

3. Erros

A limitação de capacidade de processamento é uma das razões pelas quais nem mesmo os intérpretes mais competentes estão isentos de cometer erros. Em razão da restrição dos processos conscientes, resultante desta limitação, o cérebro busca maximizar sua automação de maneira a permitir espaço para o desempenho de tarefas mais difíceis. Isso significa que a atenção é direcionada a apenas parte do que acontece no processo da simultânea.

O erro pode ser exacerbado por fatores ligados à memória do intérprete. Como o discurso do orador se torna gradualmente disponível, a limitação da memória de curto prazo do intérprete apresenta um obstáculo, já que ele precisa armazenar os trechos disponíveis do discurso enquanto aguarda os que ainda estão por vir. Igualmente, restrições na memória de longo prazo do intérprete podem dificultar o acesso a informações de conhecimento geral que façam parte do discurso do orador.

Segundo Barik (1971), a versão do intérprete pode apresentar vários tipos de erro. O erro pode se evidenciar através de omissões, adições/explicitações ou substituições. Se a versão produzida pelo intérprete divergir consideravelmente do original, ocorre um erro de tradução.

Barik, numa análise léxico-semântica, cria uma taxonomia de erros em IS que não considera questões pragmáticas importantes, mas que mesmo assim levanta pontos relevantes à questão de qualidade tratada aqui.

A omissão caracteriza-se por item presente no discurso-fonte que é excluído no discurso-alvo. O conteúdo da mensagem original determina a omissão. Omissões devidas a diferenças sintáticas entre as línguas de partida e chegada não constituem um erro. Na tradução do inglês para o português, por exemplo, a omissão do sujeito não altera o significado da frase.

Segundo a taxonomia de Barik, a omissão pode ocorrer quando o intérprete, aparentemente, não compreende ou deixa de interpretar parte do texto (BARIK, 1971). Nesse caso, há uma interrupção da interpretação que compromete unidades semânticas maiores e leva à perda definitiva de significado. O discurso na língua-alvo pode resultar incoerente. A omissão indesejada também pode surgir em razão de um atraso do intérprete na reprodução de parte do discurso na língua-alvo, seja

por falta de atenção ou sobrecarga cognitiva. Ao tardar demais em reproduzir a fala do orador, que prossegue com o seu discurso, o intérprete não registra as palavras seguintes a serem interpretadas. Isso poderia resultar no fato de o intérprete ter de esperar até a próxima unidade de significado ou contornar o que foi dito para poder recuperar o tempo perdido.

A omissão caracteriza um erro quando seu uso desencadeia um discurso-alvo incoerente e de significado distinto do discurso-fonte. Porém, tanto a coerência como o significado do discurso-fonte podem ser preservados através da omissão deliberada na produção do discurso-alvo.

Um dos conceitos aceitos pela comunidade de interpretação é que o intérprete deve produzir uma versão completa do texto-fonte, o que, em teoria, rejeitaria as próprias omissões (GARZONE, 2002). No entanto, a depender do caso, as omissões podem ser a garantia de qualidade em uma interpretação. O intérprete pode omitir palavras ou frases descartáveis com o intuito de preservar a mensagem original ao máximo. Ao enxugar o texto com omissões deliberadas, o discurso-alvo transmite a ideia do discurso-fonte, preserva seu significado e resulta mais natural, proporcionando maior comunicação entre público e orador.

As adições/explicitações caracterizam-se por informação acrescentada pelo intérprete, que não se encontra no discurso do orador. Por exemplo, ao incluir modificadores circunstanciais ao verbo, adjetivo ou outro advérbio, o intérprete acaba por acentuar algo na sua mensagem que não foi enfatizado na mensagem original. Em casos assim, poderíamos dizer que o intérprete cometeu um erro.

Mas nem todas as adições são erros. O intérprete, por vezes, pode também elaborar além do orador sobre determinado assunto. A explicação pode ocorrer quando o orador cita um ditado que não tem equivalente na outra língua, ou usa um termo que exige explicação devido a diferenças culturais. Nesses casos, a adição feita pelo intérprete não apenas não é um erro, como é necessária para que a mensagem do orador seja transmitida corretamente ao ouvinte.

De acordo com a Hipótese da Explicitação, formulada por Blum-Kulka em 1986, a tradução tende a ser mais explícita do que o texto-fonte. A pesquisadora acredita que já que os intérpretes analisam o discurso-fonte além de sua forma

superficial, a explicitação pode estar associada a uma tendência natural do intérprete em refletir, através da sua escolha de palavras na língua-alvo, uma representação abstrata mais abrangente do conteúdo do texto do que de sua forma. “A Hipótese também pode ser explicada por limitações linguísticas e culturais, quando a língua-alvo requer mais informação do que a língua-fonte.” (GILE, 2009, p.254)

As substituições ocorrem quando o intérprete substitui palavras ou frases do orador, o que pode ou não afetar o significado do que foi dito. Segundo Barik (1971), a substituição de informação corresponde a uma combinação de omissão e adição, embora constitua outra categoria de erro. O erro devido à substituição apresenta-se de diversas maneiras, podendo ou não influenciar na qualidade da IS. A omissão, adição, ou substituição de informação na IS pode, ou não, constituir um erro, a depender da intenção do intérprete e de sua noção de fidelidade.

A fidelidade na IS é um conceito quase tão complexo quanto a qualidade e sua avaliação depende de uma análise subjetiva. A fidelidade ao conteúdo do discurso-fonte é um dos fatores que determina a qualidade da IS. Porém, diferenças entre o conteúdo do discurso-fonte e o conteúdo do discurso-alvo são menos relevantes do que a função do discurso-alvo. Para que haja fidelidade, é necessário que o objetivo que o orador deseja transmitir ao ouvinte através de seu discurso esteja presente no discurso do intérprete.

Além da utilidade aos pesquisadores que desejam analisar e quantificar a falta de fidelidade, uma abordagem baseada em pura análise de erros como a de Barik, que tem em vista o contraste léxico-semântico, falha essencialmente por ignorar considerações funcionais e pragmáticas (PÖCHHACKER, 2004).

Omissões, substituições ou explicitações não podem ser excluídas da categoria dos erros, em casos em que a transmissão do significado da mensagem fonte é prejudicada. Porém o intérprete, ao focar na fidelidade e atribuir maior peso à função comunicativa, é capaz de exercer ao máximo o seu potencial analítico e criativo, mesmo se isso incluir a omissão ou substituição de eventuais palavras ou frases.

4. Fatores que afetam o intérprete antes e durante a IS

A profissão do intérprete de conferências é bastante diversificada. O colega de cabine, o ambiente de trabalho, bem como o assunto da conferência variam muito. Cada situação pede uma resposta imediata do profissional num contexto em que há aspectos que podem ser controlados por ele e outros que fogem ao seu controle. Parte do êxito da tarefa de interpretação está ligada a saber lidar com isso. O intérprete é repetidamente sujeito a limitações impostas por condições externas que podem interferir com a qualidade de seu trabalho. Segundo Moser-Mercer (1996) essas condições incluem, entre outras, ambiente físico (condições da cabine), complexidade do assunto da conferência, mudança de assunto, natureza adversa da reunião, características do discurso (coerência, densidade do texto, grau de emoção), delivery (velocidade do discurso, apresentação), preparação do intérprete, quantidade de intérpretes, tempo de turno por intérprete, oradores que falam ao mesmo tempo, controle emocional do intérprete, e competência e disponibilidade do técnico de áudio. Ao avaliar qualidade na IS é preciso levar em consideração os fatores linguísticos tratados nos capítulos anteriores, mas também as condições de trabalho do intérprete, que incluem as listadas abaixo.

4.1. Cabine

Uma importante condição externa ligada ao ambiente e que afeta o trabalho do intérprete é a cabine de interpretação. A norma ISO 2603, que diz respeito às instalações da cabine de interpretação no meio profissional, foi estabelecida em 1974 e revisada pela AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência). As instalações devem seguir requisitos estruturais, de acústica, iluminação, temperatura, visibilidade e de equipamento, entre outros. O isolamento acústico das cabines é essencial. Às vezes, participantes de conferência detêm-se para conversar ao lado da cabine prejudicando o trabalho do intérprete. É necessário que haja ventilação adequada dentro da cabine. Os efeitos nocivos causados por um aparelho de ar-condicionado que esteja desregulado impactam negativamente o desempenho do intérprete. É, igualmente, essencial que haja uma visão direta e ampla de todo o auditório, incluindo a tela de projeção, caso o orador dela se utilize, e especialmente o conferencista.

As cabines são projetadas para atender a três requisitos: permitir separação acústica entre os diferentes idiomas usados simultaneamente; possibilitar comunicação eficiente nas duas direções, entre as cabines e a sala de conferências; proporcionar ambiente de trabalho confortável aos intérpretes, para que possam manter o intenso esforço de concentração exigido pelo trabalho (APIC, 2014).

4.2. Colega de cabine

Assim como as instalações da cabine no evento da conferência fogem ao controle do intérprete, em geral, tampouco se pode escolher o colega de cabine. Com o intuito de apurar ao máximo a qualidade da IS, que é uma atividade executada em equipe, é primordial manter um bom relacionamento com o colega. “A solidariedade e a cooperação com colegas e operadores de som melhoram a qualidade da interpretação, assim como a imagem da interpretação aos olhos do cliente.” (GILE, 2009, p. 44)⁸. A capacidade de trabalhar em equipe envolve compartilhar vocabulário com o colega, propor traduções para a terminologia que surge de maneira inesperada, oferecer-se para anotar números mais complicados durante a IS, manter os documentos organizados e respeitar o colega, entre outras atitudes.

Ao oferecer ajuda ao colega, tato e bom senso devem nortear as ações do intérprete. Na opinião de Taylor-Bouladon (2011), um colega que deseja ajudar quando não há necessidade pode incomodar bastante. Ao impor suas dicas ou sussurrar enquanto o intérprete da vez tenta raciocinar, a situação se agrava. A IS engloba fatores situacionais variáveis, que incluem o colega de trabalho, assim como o tipo de conferência e a disponibilidade e competência do operador de som, como vimos acima. Um ambiente profissional agradável, entretanto, pode ser facilitado pelo intérprete se o trabalho em equipe for priorizado.

4.3. Automonitoramento

Para que seja feita uma IS de qualidade é de suma importância que o intérprete consiga ouvir bem tanto o orador quanto a si próprio. É equivocado acreditar que a fala do intérprete acontecerá de maneira eloquente e automática. Por essa razão, o

⁸ Solidarity and active cooperation in the booth and with technicians enhance not only the quality of interpreting *as it sounds*, but also the *image* of interpreting in the eyes of the client.

profissional deve monitorar o seu discurso, caso contrário corre o risco de, sob pressão, cometer erros de gramática, pronúncia e até mesmo cair em contradição. Ao acompanhar cada frase, torna-se mais fácil perceber se o discurso-alvo tem lógica como um todo. A obrigatória conclusão da frase, por exemplo, é imprescindível para a produção de um discurso-alvo coerente. Ao deixar uma frase em aberto, o discurso do intérprete deixa de fazer sentido e os ouvintes se sentem perdidos e inseguros. Ao monitorar a própria produção, comparando-a constantemente com o discurso do orador, o intérprete consegue verificar e conferir em tempo real a qualidade de seu trabalho. O automonitoramento consome capacidade de processamento, sendo um esforço em si, o que exige do intérprete um treinamento para conseguir se automonitorar sem perder a concentração. Como o sabem os alunos de interpretação, o automonitoramento nunca é recomendado em sala de aula no início da formação, exatamente por ser mais um possível fator de distração.

De acordo com Jones (2002), pode-se cobrir um ouvido completamente com o fone e deixar o outro ouvido totalmente descoberto, para que cada ouvido cumpra uma tarefa diferente. Estudos na área de neurolinguística indicam que, devido à lateralização cerebral das funções linguísticas, pode haver vantagem nesta técnica. Para tanto, um intérprete destro deve cobrir o ouvido esquerdo com o fone e usá-lo para ouvir o discurso-fonte. O ouvido direito fica livre para monitorar o discurso-alvo do próprio intérprete.

4.4. Equipamento de som

Na IS, a técnica de ouvir e falar simultaneamente apresenta uma dificuldade acústica, ainda que os padrões técnicos sejam apropriados.

Além de chegar cedo ao evento para testar o som com o técnico de áudio e eliminar qualquer possibilidade de problema acústico, o intérprete precisa saber usar o equipamento de transmissão e recepção de maneira adequada na cabine.

Como já foi mencionado, o automonitoramento possibilita ao intérprete monitorar o próprio discurso atentamente e de maneira crítica, o que contribui para o bom exercício de sua função. Para tal, é fundamental que tudo esteja funcionando bem. Cada profissional deve experimentar diferentes maneiras de usar o fone de

ouvido para descobrir a que lhe é mais conveniente e produtivo. O volume do som do fone de ouvido influencia o volume do discurso do intérprete, já que este necessita ouvir o discurso-fonte e o discurso-alvo concomitantemente. O volume excessivamente alto do som do fone, além de ser prejudicial à audição do profissional, fará com que ele precise falar mais alto. O volume alto de sua voz incomoda a plateia, o colega de cabine e causa um desnecessário desgaste vocal. O volume deve ser mantido suficientemente baixo para proporcionar uma audição adequada.

É igualmente importante saber usar o microfone de maneira adequada para que a emissão do som do discurso-alvo não seja prejudicada. O volume da voz do intérprete deve permanecer constante, em um tom de conversa normal. O intérprete deve manter uma distância invariável do microfone e evitar se movimentar em excesso para que o som não seja prejudicado.

Mesmo no caso da interpretação sussurrada, sem o uso de equipamento algum, o intérprete deve se posicionar de maneira que possa ouvir bem o orador e não precise falar alto para que seja ouvido. Se for preciso, deverá entrar em contato com o organizador e trocar de lugar para garantir condições ideais de trabalho. É impossível e contraproducente tentar interpretar algo que não se consegue ouvir.

4.5. Orador

O intérprete não tem nenhum controle sobre o orador ou o discurso que irá interpretar e, por isso, é necessário que se adapte aos elementos desconhecidos que dele provêm. Em condições ideais, o intérprete tem acesso prévio tanto ao orador quanto ao material a ser usado na conferência. Habitualmente, o material é enviado ou facilmente acessado na internet. Para que haja uma IS de qualidade torna-se necessário lidar com as particularidades do discurso do orador. Há inúmeras características da fala do orador que o intérprete provavelmente desconhece até o momento da interpretação e que afetam a IS. Fatores como sotaque, velocidade e complexidade do discurso, e até mesmo se o discurso será lido ou não pelo orador, podem afetar a qualidade da IS.

Às vezes, o orador possui sotaque nativo ou estrangeiro que pode inibir a plena compreensão do discurso por parte do intérprete. Embora haja, em todas as

línguas, grande variação fonética proveniente de fatores regionais, sociais e de estilo, o sotaque mais acentuado pode apresentar grande dificuldade para o intérprete. “Divergências dos detalhes fonéticos presentes na memória de longo prazo podem causar deterioração na habilidade de decodificar um sinal de fala.” (McALLISTER, 2000, p.60)⁹. A habilidade do intérprete em perceber e decodificar um sotaque pode ser adquirida e aperfeiçoada. A exposição a diferentes sotaques nas línguas de trabalho do intérprete deve fazer parte de sua rotina de preparação prévia ao evento. Uma vez no evento, é de grande valia permitir que o ouvido se acostume ao sotaque. Geralmente, num período relativamente curto de tempo, a percepção auditiva se torna mais apurada, possibilitando a decodificação de fonemas desconhecidos. Às vezes, o intérprete precisa lidar com distúrbios de fala ou idiossincrasias vocais individuais do orador. Com a experiência, torna-se mais fácil lidar com essas particularidades presentes nas palestras. Confiar no apoio de slides e no colega de cabine são estratégias úteis no caso de um orador com sotaque extremamente acentuado que dificulta a compreensão do discurso.

Em conferências internacionais, frequentemente o orador não dispõe de tempo necessário para expor suas ideias na sua totalidade e, por essa razão, seu discurso torna-se denso e, na maioria das vezes, demasiadamente rápido para o tempo que lhe é destinado. Geralmente, o intérprete profissional adquire a capacidade de falar numa velocidade bastante elevada. Porém, a velocidade do seu discurso depende do ritmo do discurso-fonte do orador. Se esse for muito rápido, o intérprete é obrigado a acelerar a enunciação do discurso-alvo para que nenhuma informação se perca. Quanto maior for a fluência do intérprete em dada língua, mais veloz será seu processamento cognitivo e, conseqüentemente, a velocidade de sua fala.

De acordo com Daro (1994), a velocidade do discurso do intérprete também depende de outros fatores como a direcionalidade das línguas de tradução, a densidade do discurso do orador, as estratégias usadas pelo intérprete, assim como seu nível de fluência linguística e aptidão fisiológicas. A direcionalidade linguística influencia a velocidade da IS, dado que o mesmo conceito pode ser expresso com um número maior ou menor de fonemas, de acordo com a língua em uso. Por

⁹ Deviations from long-term memory phonetic detail could cause a deterioration of the ability to decode an incoming signal...

exemplo, a língua inglesa requer menos palavras do que o português para expressar a mesma ideia. Técnicas de reformulação podem ser bastante benéficas para se interpretar um discurso-fonte veloz. A omissão deliberada, mencionada previamente, possibilita maior foco no significado (conteúdo) do discurso-fonte, tornando viável a enunciação de uma mensagem onde apenas o sentido é reproduzido. Ao mesmo tempo, possibilita um discurso-alvo mais rápido e elimina qualquer possibilidade de tradução literal. A técnica do salame (*chunking*) consiste na segmentação de frases longas e complexas, com orações subordinadas, em frases mais curtas e diretas. “Muitas vezes, o orador se perde na sua complexidade sintática, mas o intérprete não pode se deixar perder junto com ele.” (GILLIES, 2013, p. 242). Além de facilitar a produção de um discurso-alvo proveniente de um discurso-fonte excessivamente rápido, a técnica salame facilita a compreensão do ouvinte, o automonitoramento do intérprete e ajuda na enunciação de frases completas.

Quando a palestra é lida, o ideal é que o intérprete tenha acesso ao texto com antecedência. Geralmente, o texto lido é sempre mais rápido e denso do que o discurso espontâneo. Caso seja impossível ao intérprete tomar conhecimento do texto com antecedência, o mesmo deve ser requisitado durante a conferência.

Segundo Jones (2002), se o intérprete tiver acesso ao texto pouco tempo antes de o orador iniciar sua fala, sem tempo de prepará-lo, ele deve usá-lo especialmente para identificar nomes próprios, termos técnicos e números em geral (datas, estatísticas, documentos de referência, etc.). Esses são os elementos que criam mais dificuldade quando a fala do orador é muito rápida.

A técnica de *sight translation* (o processo simultâneo da leitura de um texto na língua-fonte e articulação na língua-alvo) pode ser bastante útil na preparação de um texto recebido previamente ao evento e que será lido pelo orador. Pode ser contraproducente tentar acompanhar o discurso-fonte e o texto ao mesmo tempo. Com frequência o orador desvia-se do texto para fazer comentários à parte. Um texto lido em alta velocidade, ao qual o intérprete não tem acesso, dificulta consideravelmente o trabalho com qualidade. O profissional se disponibiliza a fazer o melhor possível, porém não poderá usar técnicas de reformulação com tanta eficiência.

4.6. Décalage

O tempo de espera entre a enunciação da mensagem original e a enunciação da mensagem interpretada (*lag time*, *ear-voice-span* ou *décalage*) é um fator fundamental que pode determinar a qualidade da IS. O tempo de espera é uma decisão individual do intérprete e varia de acordo com o discurso-fonte. Quando as línguas de trabalho possuem estruturas semelhantes, um tempo mais curto de espera torna-se possível. Quando as línguas de trabalho possuem estruturas bastante diferentes, é necessário um tempo mais longo de espera. A velocidade da fala do orador, a complexidade do assunto da conferência e o tempo de processamento individual determinam o tempo de espera na interpretação. Em razão da demanda cognitiva, o intérprete não pode iniciar a interpretação assim que o orador começa a falar na língua-fonte. É necessário que o intérprete aguarde o suficiente até ouvir parte significativa do discurso do orador. Isso significa que ele precisa ter apreendido, na língua-fonte, uma unidade de significado que pode ser expressa na língua-alvo. O orador precisa ter articulado um “pedaço” do discurso que dá forma a um todo coerente e significativo, de maneira a permitir ao intérprete sua utilização como base para sua própria produção (JONES, 2002). O intérprete pode começar a falar assim que o orador lhe fornecer material suficiente para que a formulação de uma frase interpretada seja possível. Assim, mesmo se o orador não possuir o dom da oratória e se expressar através de frases complexas ou entrecortadas, o intérprete conseguirá articular suas ideias e evitará frases inacabadas.

Ao chegar ao evento, o intérprete deve se apresentar ao orador. Esse é o momento oportuno para ouvir um possível sotaque e tirar dúvidas relacionadas ao conteúdo. Além disso, o fato de o orador travar conhecimento com o intérprete e consequentemente com sua tarefa, ajuda a estabelecer a comunicação não verbal entre eles durante o discurso. O contato visual, a expressão facial, a postura e a gesticulação do orador ao articular o discurso-fonte facilitam o trabalho do intérprete e influenciam a qualidade da interpretação.

4.7. Estresse

O intérprete precisa lidar com fatores desconhecidos que aumentam seu esforço mental e estresse. A tensão durante o processo de IS se deve não apenas à carga cognitiva descrita no Modelo de Esforços de Gile, mas a fatores emocionais,

ambientais e sociais. Além do alto nível de concentração exigido, a responsabilidade de estabelecer comunicação adequada entre o orador e a plateia é incontestável. O estresse pode ser definido como uma resposta específica física e mental, causada por determinados estímulos. Quando existe um meio de lidar com a situação, a tensão pode ser positiva já que viabiliza a interação adequada do intérprete com o ambiente. O estresse negativo ocorre quando há um esgotamento em que a exigência supera os meios para seu enfrentamento. (LOVALLO, 1997) Situações imprevisíveis e que fogem ao controle, como na interpretação simultânea, tendem a gerar mais angústia do que aquelas previsíveis e que podem ser controladas.

“Até mesmo o intérprete mais competente e habilidoso sentirá alguma tensão, porque ele está ciente da possível ocorrência de fatores imprevisíveis e desconhecidos: novos conceitos ou termos técnicos, sotaque ou pronúncia difícil, falhas técnicas, discurso pronunciado longe ou fora do microfone, um trabalho imprevisto lido a uma velocidade que torne a interpretação inexecutável. Esses fatores desconhecidos não podem ser descartados. Treinamento e experiência ajudarão o intérprete a adotar a estratégia correta rapidamente. Por vezes, de forma automática. Haverá circunstâncias, porém, em que será necessário um esforço maior, que concorrerá para aumentar a tensão para o intérprete.” (RICCARDI, 1996, P.97)¹⁰.

A capacidade de saber lidar com os fatores desconhecidos que contribuem para um maior nível de estresse é essencial para a qualidade da IS. Durante uma IS em que haja grande demanda cognitiva e tensão, qualquer distração pode quebrar a concentração do intérprete.

Qualquer fator que afete a percepção, a análise e a concentração irá prejudicar sua resistência e desempenho. Se esses fatores se fazem constantes, a saúde mental e física do intérprete será prejudicada. (RICCARDI, 1996, p. 99)¹¹.

O primeiro sinal de cansaço mental e físico causado pelo estímulo prolongado deve ser ignorado pelo intérprete. Ao fazer um esforço consciente para afastar a

¹⁰ At the beginning of a conference even the most experienced, efficient and skilled interpreter will feel a certain amount of tension, because he is aware that there may be some unknown elements he will have to cope with: new concepts or technical words, a difficult accent or pronunciation, technical defects, somebody not talking into the microphone, an unscheduled paper read at impossible speed. These unknown factors cannot be eliminated. Training and experience will help the interpreter to adapt the right strategy quickly, sometimes automatically, but there may be circumstances that will require additional effort imposing more strains on the interpreter.

¹¹ Any factor affecting perception, analysis and concentration will impair both endurance and performance, and, if persistent, the interpreter's mental and physical health.

fadiga e a provável ansiedade que incidem conjuntamente, o profissional é capaz de manter um bom nível de concentração. Essa tática propicia o prolongamento da IS de qualidade por determinado tempo. É provável, entretanto, que na ocorrência do subsequente sinal de fadiga, o intérprete apresente desgaste significativo. Por isso é essencial que ele sempre trabalhe em dupla e que o turno de interpretação para cada um seja respeitado. Ao reconhecer que cometeu um erro onde não foi possível fazer uma correção imediata, o intérprete deve manter a calma e prosseguir com o discurso. Caso contrário, é provável que o profissional cometa mais erros e hesitações devido ao nervosismo. O controle da ansiedade impede que a tensão transpareça na voz e ocasiona um tom calmo e de confiança.

A IS é uma profissão que envolve alto nível de adrenalina. O intérprete está sujeito ao estresse contínuo e seu dia de trabalho se passa numa cabine fechada. Ao mesmo tempo, expressa opiniões que podem diferir das suas, dirigidas a uma plateia atenta. Após anos de experiência, o intérprete pode desenvolver uma sensibilidade maior que a de não intérpretes à luminosidade e ao ruído excessivo (TAYLOR-BOULADON, 2011). Existem diversas maneiras de lidar com o estresse, sendo essa uma questão muito individual. Dentro da cabine, a manutenção de um alto nível de atenção e concentração, o controle da respiração e a boa preparação para o evento são de inestimável ajuda. Uma maneira eficiente de o intérprete lidar com os aspectos estressantes da profissão é compensar, no seu tempo livre, com atividades que possuem estímulos distintos daqueles da IS, como tocar instrumentos ou fazer esportes. Porém, um estado de ansiedade moderado pode ser benéfico e até melhorar a qualidade do trabalho. A adrenalina gera um conjunto de efeitos que deixam alertas o corpo e a mente. O alto nível de vigor necessário para promover reações rápidas e de grande carga cognitiva, envolvidas no processo de IS, seria impossível de atingir sem algum nível de tensão. Entretanto, essas reações devem ser equilibradas para que não se instale um esgotamento em que a qualidade da IS passa a ser prejudicada.

5. Considerações Finais

A interpretação de conferências consiste em possibilitar a comunicação oral entre usuários de línguas diferentes. A qualidade na IS é fundamental para permitir uma comunicação eficiente. Existem fatores essenciais para que se alcance esta qualidade. Eles viabilizam a compreensão, com facilidade, do que está sendo dito na língua de partida. Um discurso natural e fiel ao original é imprescindível para que o ouvinte possa se concentrar no conteúdo da mensagem. O discurso que soa como se fosse o original, proferido pelo intérprete que passa praticamente despercebido, caracteriza o ideal de qualidade na IS.

A comunicação eficiente na IS ocorre plenamente com a presença de fatores como coesão lógica do discurso, frases terminadas, uso correto da gramática e fluência do *delivery*, além, naturalmente, da transmissão correta da mensagem do orador. A qualidade é percebida essencialmente no conteúdo da mensagem. Porém, falhas relacionadas à forma, como entonação errada, hesitações, pausas inadequadas e excessivamente longas, podem comprometê-la.

Na busca pela qualidade, outros fatores que podem afetar a produção do intérprete devem ser considerados. A qualidade na IS depende, igualmente, da aptidão para interpretação, além da atitude do intérprete diante de fatores externos que fogem ao seu controle. A qualidade do equipamento, o estresse e as particularidades do discurso do orador, como velocidade e sotaque, fogem ao controle do intérprete. Esses fatores raramente podem ser eliminados por completo. Em consequência, o intérprete deve empregar estratégias para aprender a lidar com eles. O contato com o técnico de som, a preparação para o evento, a contínua atualização com as línguas de trabalho, a curiosidade intelectual, o aperfeiçoamento das técnicas de oratória e cuidados com a voz e, especialmente, o profissionalismo devem ser priorizados.

Uma questão crucial é a complexidade da tarefa de avaliação da qualidade da IS. A importância atribuída aos diversos critérios de qualidade varia consideravelmente de acordo com o avaliador. A percepção de qualidade na IS é sobremaneira subjetiva e pode ser determinada quer do ponto de vista do ouvinte, quer do intérprete ou do cliente.

A IS só se justifica se for de qualidade. Uma má IS não ajuda as duas partes a se comunicarem e, num caso assim, o cliente poderia escolher dispensar os serviços dos intérpretes. A busca constante pela qualidade na IS é fator imprescindível para que o trabalho do intérprete de conferências seja bem aproveitado pelo cliente, pelos ouvintes e pelo orador, e para que seja gratificante para o profissional da interpretação. Em suma, para que, pela transposição da barreira linguística, a mensagem no discurso-fonte atinja, com a maior fidelidade possível, o público-alvo.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE INTÉRPRETES DE CONFERÊNCIA. **AIIC**, 2000. Disponível em: <<http://aiic.net/page/1592/normas-profissionais/lang/131>>. Acesso em: jun 2014.

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE INTÉRPRETES DE CONFERÊNCIA. **APIC**, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.apic.org.br/website/home/>>. Acesso em: jun. 2014.

ALTMAN, Janet. What helps effective communication? Some interpreters' views. **The Interpreters' Newsletter**, Trieste, n. 3, p. 23-32, 1990.

BARIK, Henri C. A description of various types of omissions, additions, and errors of translation encountered in simultaneous interpretation. **Meta**, Montreal, v. 16, n. 4, p. 199-210, 1971. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1971/v16/n4/001972ar.pdf>>. Acesso em: mai. 2014.

BÜHLER, Hildegund. Conferencing Interpreting: a multichannel communication phenomenon. **Meta**, Montreal, vol. 30, n. 1, p. 49-55, 1985. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1985/v30/n1/002176ar.pdf>>. Acesso em: abr. 2014.

CHIARO, Delia; NOCELLA, Giuseppe. Interpreters' perception of linguistic and non-linguistic factors affecting quality: a survey through the World Wide Web. **Meta**, Montreal, v. 49, n. 2, p. 278-293, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/Meta/2004/v49/n2/009351ar.html>>. Acesso: em abr. 2014.

COLLADOS AÍS, Angela. **La evaluación de la calidad en interpretación simultánea: parámetros de incidencia**. Granada: Comares, 2007.

DARÒ, Valeria. Non-Linguistic Factors Influencing Simultaneous Interpretation. In: LAMBERT, S.; MOSER-MERCER, B. **Bridging the Gap: Empirical research in simultaneous interpretation**. Johns Benjamins Publishing Company, 1994. p. 249-271. (Benjamins Translation Library)

GARZONE, Giuliana. Quality and norms in interpretation. In: GARZONE, G.; VIEZZI, M. **Interpreting in the 21st Century: challenges and opportunities**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 107-120. (Benjamins Translation Library)

GILE, Daniel. **Basic concepts and models for interpreter and translator training**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company, 2009. 283p. (Benjamins Translation Library)

_____. A communication-oriented analysis of quality in nonliterary translation and interpretation. In: LARSON, M. **Translation Theory and Practice, Tension and Interdependence**: American Translators Association Scholarly Monograph Series V. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 188-200. (Benjamins Translation Library)

GILLIES, Andrew. **Conference interpreting: a student's practice book**. New York: Routledge, 2013. 285p.

JONES, Roderick. **Conference Interpreting Explained**. Manchester: St. Jerome, 2002. 142p.

KALINA, Sylvia. Quality assurance for interpreting processes. **Meta**, vol. 50, n. 2, p. 768-784, 2005. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/Meta/2005/v50/n2/011017ar.html>> Acesso em: mar. 2014.

KOPCZYNSKI, Andrzej. Quality in conference interpreting: some pragmatic problems. In: SNELL-HORNBY, M.; PÖCHHACKER, F.; KAINDL, K. (Eds.). **Translation Studies - An Interdiscipline: Selected papers from the Translation Studies Congress**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 189-198. (Benjamins Translation Library)

KURZ, Ingrid. Conference interpreting: quality in the ears of the user. **Meta**, Montreal, v. 46, n. 2, p. 394-409, 2001. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2001/v46/n2/003364ar.pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

LOVALLO, William. **Stress & Health: Biological and Psychological Interactions**. 1st ed. Sage Publications, Thousand Oaks, CA, 1997. 203p.

MCALLISTER, Robert. Perceptual foreign accent and its relevance for simultaneous interpreting. In: DIMITROVA, B.; HYLSTENSTAM, K. (Eds.). **Language processing and simultaneous interpreting: interdisciplinary perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000. p. 45-61. (Benjamins Translation Library)

MOSER, Peter. Survey on expectations of users of conference interpretation. **AIIC**, [s.l.], 2003. Disponível em: <<http://aiic.net/page/736>>. Acesso em: mar. 2014.

MOSER-MERCER, B. Quality in interpreting, some methodological issues. **The interpreters' Newsletter**, [s.l.], n. 7, p. 43-55, 1996.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. London: Routledge. 2004. 242 p.

_____. Quality Assessment in conference and community interpreting. **Meta**, Montreal, v. 46, n. 2, p. 410-425, 2001. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2001/v46/n2/003847ar.pdf>> Acesso em: mai. 2014.

PÖCHHACKER, Franz; ZWISCHENBERGER, Cornelia. Survey on quality and role: conference interpreters' expectations and self-perceptions. **AIIC**, [s.l.], 2010. Disponível em: <<http://aiic.net/page/3405>>. Acesso em: mai. 2014.

RICCARDI, Alessandra; MARINUZZI, Guido; ZECCHIN, Stefano. Interpretation and stress. **The Interpreters' Newsletter**, Trieste, n. 8, p. 93-106, 1998.

SHLESINGER, Miriam. Quality in simultaneous interpreting. In: GAMBIER, Y.; GILE, D.; TAYLOR, C. **Conference Interpreting: current trends in research**. Johns Benjamins Publishing Company, 1997. p. 123-131. (Benjamins Translation Library)

TAYLOR-BOULADON, Valerie. **Conference Interpreting: principles and practice. 3rd edition**. Rotterdam: Museum Boijmans Van Beuningen, 2011. 320p.

TISELIUS, Elisabet. Research on quality in interpreting. **AIIC**, [s.l.], 2012. Disponível em: <<http://aiic.net/page/6318>>. Acesso em: mai. 2014.